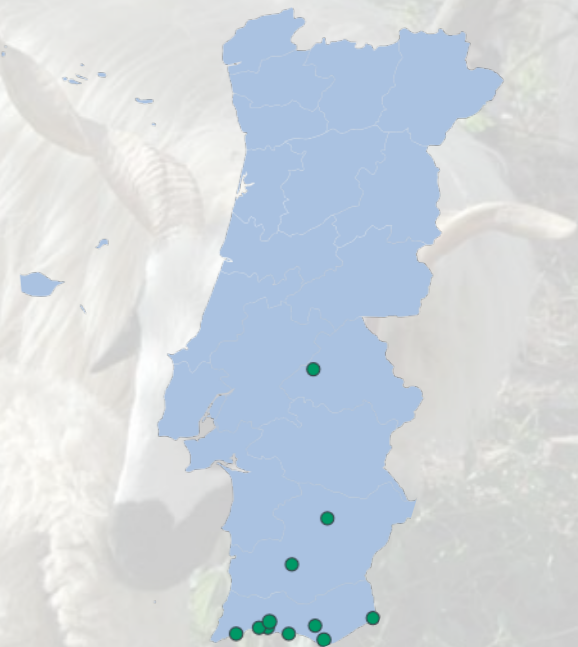


CHURRA ALGARVIA



Área de dispersão dos criadores



No ano de 2019, constam do livro genealógico de adultos: 64 machos e 1626 fêmeas em linha pura em 22 criadores.

História e Evolução

O nome atribuído à Churra Algarvia deriva da sua lã, do tipo Churro e à toponímia da região onde esta raça é predominantemente explorada, a região mais a sul do território continental português, o Algarve. Esta região concorreu para a sua diferenciação clara das restantes raças autóctones nacionais, o que terá limitado o fluxo de genes com outras raças Churras. A raça Algarvia revela uma estrutura genética clara, que se identifica de forma bastante próxima com populações ancestrais distintas. Esta raça autóctone constitui um património genético e cultural de elevadíssima importância, cuja preservação deve ser continuada.

Noutros tempos quase todas as famílias possuíam exemplares desta raça, pois servia como fonte de alimentação de leite e carne, como agente de reciclagem de certos subprodutos das atividades agrícolas, e, a sua relação com o meio ambiente tornou-a popular, uma vez, que demonstra melhor aproveitamento dos recursos, em comparação com os bordaleiros comuns ou merinos. Devido à pressão urbanística e a novas políticas de exploração do solo no litoral os rebanhos foram remetidos para zonas marginais e para o Barrocal, onde, devido à sua rusticidade se adaptaram com facilidade às adversidades do meio deslocando-se mais para as zonas da serra.

A dieta alimentar do efetivo reprodutor é baseada nos recursos alimentares disponibilizados pelas pastagens espontâneas ou melhoradas. Regra geral, os animais pastam acompanhados pelo pastor normalmente com a ajuda de um ou mais cães durante o dia e, recolhem à noite ao ovil ou a simples cercas de contenção dispondo habitualmente de um local coberto, para proteção das chuvas. Tem-se verificado que o modo como se inicia o pastoreio está condicionado à abundância de pastos e sobretudo, às condições climáticas. Assim, é normal no outono e inverno, quando chove ou há orvalhos noturnos, os animais saírem para pastoreio um pouco mais tarde, quando as ervas já estão um pouco enxutas. É interessante observar, que a ovelha Churra apresenta uma seletividade alimentar mais evoluída que a observada em outros ovinos. Ao chegar à pastagem, o animal começa por procurar as partes mais nutritivas das plantas, folhas e rebentos. É igualmente notória a variedade de espécies vegetais consumidas, sendo comum, nas zonas onde há sobreiros, azinheiras, figueiras e oliveiras os animais procurarem os frutos caídos no chão.

Sendo o solar da raça ovina Churra Algarvia o Barrocal, atualmente o efetivo reprodutor da raça inscrito no Livro Genealógico e em atividade distribui-se pelo Algarve e Alto Alentejo. No Algarve encontram-se desde o litoral até à zona Serrenha, com maior incidência no Barrocal. No sotavento Algarvio existe nas zonas da Asseca (Tavira), Olhão, Faro e de Loulé, e, no barlavento encontram-se em Silves, Lagoa, Vila do Bispo, Albufeira e em Portimão. No Alto Alentejo existe uma exploração, em Barrancos, onde se verifica uma boa adaptação da raça.

Padrão da Raça

Pele e pelagem - De cor branca;

Velo - Pouco extenso, pouco tochado e de madeixas pontiagudas, não recobre a cabeça, o bordo inferior do pescoço, a barriga e a extremidade dos membros. A lã é do tipo churro, portanto grossa, de toque áspero, com fibras, em média de 20 a 30 cm de comprimento;

Cabeça - Relativamente pequena, fina e totalmente deslanada com a fronte plana, mas com ligeira convexidade no chanfro, sobretudo nos machos. Boca larga e lábios finos. Sempre presentes malhas pretas irregulares nas orelhas, em volta dos olhos, ponta do focinho e lábios. Cornos em ambos os sexos, fortes, de secção triangular, lançados lateralmente em espiral alongada e rugosos. Orelha de tamanho médio, lançadas horizontalmente para os lados da cabeça. Órbitas de tamanho regular e olhos grandes;

Pescoço - Relativamente comprido, bem proporcionado relativamente ao volume do corpo do animal, mas estreito. Deslanado no seu bordo inferior;

Tronco - De volume apreciável. Garrote pouco saliente, peito relativamente estreito, de pouca profundidade e costelas não muito arqueadas. Espádua bem musculada e regularmente desenvolvida. Linha dorso-lombar horizontal ou ligeiramente mergulhante. Garupa comprida e estreita, bem musculada, e em geral descaída. Ventre volumoso e deslanado;

Cauda - Comprida e grossa na base;

Membros - Compridos e finos, dando ao animal um aspeto pernalteiro. Nádega pouco descida. Deslanados na parte terminal dos membros, onde aparecem malhas pretas irregulares, idênticas às assinaladas na cabeça. Notam-se malhas na região anal (perineal). Unhas rijas e pretas;

Úbere - Bem ligado e desenvolvido, com tetos bem implantados e de tamanho regular.

Sistemas de exploração

O sistema de produção baseia-se no regime extensivo, o qual possibilita a manutenção de uma relação equilibrada entre a produção animal e a preservação, quando não mesmo a recuperação, das condições ecológicas. A exploração desta raça é realizada na maioria dos rebanhos através de mão-de-obra própria, sendo na maioria dos casos o pastor o proprietário dos animais. Esta é uma das razões mais importantes para a manutenção da raça até aos nossos dias. É a tradição e o orgulho dos produtores/criadores que tem possibilitado a continuidade da raça.